


Ano 14, nº 722, 22 de março de 1990. Não pode ser vendido separadamente

JORNAL DO BRASIL

Domingo

A elite de quarentena



**Algumas boas razões
para o carioca
não sair de casa**

O barato é ficar em casa

Sem dinheiro no bolso, o carioca dá um jeito de se divertir na sala de visitas

O dólar flutua, o cruzado novo vira cruzeiro, a poupança e o over ficam no Banco Central. Tem muita gente que não consegue entender exatamente este corte de "gorduras" e nem tem a menor idéia do que seja esta tal de liquidez, mas o enxugamento do bolso não é mistério para ninguém. "Agora é que vai ser difícil sair de casa", lamenta o estudante André Maranhão, pego de surpresa pelas medidas anunciadas há 10 dias pela Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Melo. Aos 20 anos, filho da classe média, estudante de administração da PUC, Maranhão, que recebe meio salário

"Sair pra quê? É tudo tão caro lá fora, e a gente não fica tão à vontade como se estivesse em casa, entre amigos"

mínimo pelo estágio numa agência de propaganda, vai radicalizar um hábito que já cultiva há mais de dois anos. Maranhão faz parte de um grupo de pessoas que, por opção ou por conta da crise econômica, elegeu o hábito de ficar em casa como o seu principal lazer. "Sair pra quê? É tudo tão caro lá fora, e a gente não fica tão à vontade como se estivesse em casa, entre amigos", endossa Raquel Reis, funcionária da área de recursos da Petrobrás Mineração. Uma semana depois desta declaração, Raquel recebeu a notícia da extinção da empresa, decretada pelo Plano Collor. Mais do que nunca, a casa será o seu centro de lazer.

Raquel e Maranhão não são do tipo de ficar na janela vendo a crise

passar. Raquel gasta boa parte dos seus fins de semana recolhendo dados para promover uma vez por ano uma gincana cultural, reunindo em média 25 pessoas. São dezenas de cartelas com fotos de políticos, cidades, cenas de filmes, logomarcas e o que mais aparecer na sua frente. Nesta gincana, os participantes passam um bom tempo cheirando potinhos pretos. A brincadeira é descobrir se o cheiro é de pimenta, mostarda, hortelã... "Só não deu certo uma vez que o meu irmão colocou amônia. Teve gente passando mal." Foi uma exceção. Geralmente, estas noitadas representam uma garantia de diversão boa e barata. "Quem participa

uma vez passa o ano inteiro perguntando quando vai ser a próxima", vangloria-se Raquel. Não é para menos. Durante mais de quatro horas os participantes da gincana testam seus conhecimentos saboreando canapés sem gastar um tostão.

Maranhão não chega a tantos requintes de preparação, mas duas vezes por mês ele se reúne com um grupo de amigos apaixonados pelo jogo americano *Dungeons and Dragons* (Masmorras e dragões), criado há 10 anos pela TSR, fabricante de jogos. Disputado nas livrarias, como a Leonardo da Vinci no Centro, o jogo custa em média US\$ 12 e promete trazer para o Brasil a mesma coqueluche que inundou os Estados Unidos e a



Cláudia, Luiz Otávio, Eliane...



...e Adriana trocaram as sessões de cinema pelo videocassete, uma diversão mais barata



Lúcia Vasconcelos oferece 200...



...jogos de aluguel



Luiz, Denise, Jorge e Andréia redescobriram o prazer de receber amigos

Europa. "Não pára de entrar gente aqui atrás deste jogo", garante Dina Chavão, vendedora da Livraria Leonardo da Vinci. Dina tem uma lista de 50 pessoas na fila de espera para importação deste e de outros jogos chamados de *Role Playing Game*. Neles, cada jogador assume as características de um personagem dentro da aventura. "Não há objetivos, nem um fim certo para cada um. Há cinco meses estamos jogando a aventura *Egg of The Phoenix* (O Ovo da Fênix)", conta André Barreto, outro viciado por estes dragões do grupo de Maranhão.

COISA BARATA. Há pelo menos duas condições imprescindíveis aos candidatos que pretendem entrar para este tipo de grupo. Falar inglês — apenas o primeiro nível do jogo tem tradução portuguesa — e ler pelo menos um livro do escritor J.R.R. Tolkien, autor de *O Hobbit* e *O senhor dos anéis*. Nestes livros estão os personagens e o clima de fantasia presentes no *Masmorras e Dragões*. André Barreto, por exemplo, deixa a imaginação voar na pele de um druida, uma espécie de sacerdote, que começou a

"Jogar é uma coisa barata: basta comprar dois litros de Coca-Cola, convocar o pessoal e arrumar uma mesa grande"

aventura *Ovo de Fênix* no nível dois e já chegou ao oito em cinco meses. "Jogar é uma coisa barata. É só convocar o pessoal, comprar dois litros de Coca-Cola e arrumar uma mesa grande." Barreto e o resto do grupo — formado pelo irmão Felipe e os amigos Frederico Furtado, Adriana Vivacqua e Marcel Montanheiro — mudaram até o hábito de ir ao cinema. "Antigamente eu costumava ir muito ao cinema. A gente via qualquer droga. Mas agora, com este preço, só filme bom e só na quarta-feira, quando o ingresso é mais barato." Este novo comportamento, provocado pela crise econômica, já foi sentido pela cadeia de exibidores Luis Severiano Ribeiro. "Os grandes lançamentos não sofreram

queda de público, mas os filmes de categoria mediana estão aquém da expectativa. Mas não há dúvida que o público está preferindo ir ao cinema às quartas-feiras, quando o ingresso é mais barato", garante o assessor da diretoria, G. Polatti.

Esta mudança de hábito não chega a ser um drama para cinéfilos como Adriana Vivacqua. "Antigamente, eu via todos os filmes que passava. Agora, procuro saber se o filme presta mesmo antes de sair de casa. Mas a gente continua se divertindo muito. Ficar até cinco horas jogando ou reunir o pessoal para ver vídeo em casa é muito bom", garante Adriana. Esta turma faz a alegria das fábricas de jogos e das locadoras de vídeo. A Grow, líder do mercado de jogos, aumentou em 30% suas vendas em 1989 em relação ao ano anterior.

"A venda de jogos para adultos cresce bastante, acompanhando uma tendência mundial. As pessoas estão se reunindo mais em casa e portanto jogando muito mais do que nos anos anteriores", avalia Márcio Hegenderb, diretor de marketing da Grow. O campeão de vendas da empresa é *War* (Guerra), um jogo

de estratégia lançado há 18 anos, junto com a inauguração da empresa. Só no ano passado foram vendidas 100 mil unidades do jogo. "É um número excelente se nós levarmos em conta que o *Academia*, lançado em 1989, vendeu 150 mil. O *War* é um jogo que mantém a produção todos os anos. Ele nunca saiu do mercado." Na Feira de Brinquedos, que será realizada de 2 a 6 de abril, em São Paulo, a Grow vai apresentar 53 novos produtos, que serão lançados no mercado ao longo do ano. É a mesma estratégia da concorrente Estrela, que vai apresentar ao mercado o *Roller Game*, jogo composto por dois rollers, três traves e uma bandeira. O objetivo é acertar o alvo com o menor número de lança-

Um mundo de lazer doméstico

As opções para quem quer ou tem que ficar em casa são muitas. Vão desde jogos como *Academia*, *Master* e *War* até a requintada maleta de couro da Tutto per la casa, no Shopping da Gávea, que reúne xadrez, baralho e pôquer de dados. No mesmo shopping, a AMC vende uma mesa com dois tempos para se jogar baralho, dama e gamão.



O *War*, lançado há 18 anos, é o jogo mais vendido da Grow



Disc laser, Cr\$ 1.800 na Laser Compact (Trav. do Ouvidor, 37)



Maleta de jogos, Cr\$ 28 mil, na Tutto per la casa



Aluguel de TV a cores: cerca de Cr\$ 1.800, na Colortel



O Resto um em madeira custa Cr\$ 6.700 na Tutto per la casa



Mesa: na AMC por 10.880 BTNF



Academia custa em média Cr\$ 2 mil



Na Vídeo e Cia (Barata Ribeiro, 370), aluguel de fitas a partir de Cr\$ 50, mas quem quiser ver *Batman* tem que pagar Cr\$ 150



Lila projeta o lazer em casa

mentos. Esta novidade deve ajudar a Estrela a repetir o sucesso do ano passado, quando vendeu US\$ 50 mil em jogos. Tem mais gente lucrando com isso: Lúcia Vasconcelos, da Além da Imaginação, em Niterói, aluga jogos para 150 associados da loja.

PIZZA PARA QUATRO. Diante da crise econômica, o dono da Vídeo e Cia, em Copacabana, Luiz Ulisses Caselli, suspira aliviado com a estabilidade do setor. "O movimento do cinema e do teatro já caiu. As locadoras não cresceram, mas, dentro deste quadro de crise, também não caíram. Como está todo mundo sem dinheiro, sai muito mais barato pegar fita de vídeo." A gerente de atendimento da Colortel, Rita de Cássia, recebe em média 20 pedidos por dia para aluguel de aparelhos de vídeo cassette a Cr\$ 1.700 por mês. Na locadora da empresa, saem em média 600 fitas por dia. Vídeo é um dos divertimentos preferidos de Cláudia Bauer, Luiz Otávio Berquó, Eliane Galante e Adriana Fiúza, que costumam se reunir aos sábados para assistir a filmes de suspense ou co-



Mesmo com dinheiro no bolso, Guilherme prefere cozinhar em casa

Flávio Rodrigues

A arte de criar jogos

O paulista Luis Dal Monte está sempre envolvido com dezenas de dados, peças coloridas, caixas e tabuleiros que ele coleciona desde os nove anos. Depois de abandonar definitivamente a arquitetura há 10 anos, Dal Monte aceitou o convite da Grow e passou a ser um criador de jogos. Há dois anos afastado da empresa, ele agora cria jogos sob encomenda para diversas indústrias. "O jogo é antes de tudo um excelente pretexto para se reunir socialmente e neste aspecto ele é infinitamente superior ao jogo eletrônico." Quando cria um jogo, Dal Monte sempre leva em consideração a chance que os participantes têm de colocarem suas personalidades na brincadeira. "O sujeito que é nervoso, mas contido, no jogo deixa escapar a sua verdadeira face." Dal Monte não tem dúvidas de que a graça do jogo está muito mais nas pessoas que se reúnem do que nas regras em si. "A gente pode criar uma ótima armação, mas o resultado será mediocre se as pessoas não forem interessantes."

Sua próxima criação pronta para entrar no mercado é o Alquimix, da Grow, um jogo inspirado em ambiente alquimista. "Os jogadores têm que tentar encontrar uma poção. É um jogo inteiramente cerebral, não depende nunca da sorte." Dal Monte espera ansioso que esta sua paixão contamine o mercado brasileiro. "A procura está crescendo, mas ainda não chegou perto do interesse dos americanos e dos europeus."



Olivia Byington diz que paga para não ir à esquina

Ricardo Lacerda



Luis Dal Monte inventa jogos para várias empresas, como a Grow

Richardo Frazão



Entre masmorras e dragões

Fernando Lemos



Raquel organiza gincana cultural

Flávio Rodrigues

médias. "Cinema já foi um programa barato. Hoje em dia sair de casa já significa gastar pelo menos Cr\$ 400, além de ter que aturar o guardador de carro, o perigo de assalto", reclama o biomédico Luiz Otávio. O grupo se reúne há um ano, no apartamento de Cláudia, em Laranjeiras. "Foi o lugar escolhido por ser mais variada em sobremesas gostosas", justifica Cláudia.

Comida também é a desculpa usada para as reuniões de Denise Fernandes, Luiz Cláudio Faria, Andréia Milhomens e Jorge Seguin. Os quatro se juntaram a outros três casais e realizam uma vez por mês um jantar especial. "Cada casal oferece um jantar aos outros quatro. Sai muito mais barato do que jantar fora, porque a gente só vai gastar dinheiro uma

vez por semana, pratos especiais para os amigos, que também pagam para não colocar o pé em um restaurante. A cantora Olívia Byington descobriu há seis meses o prazer de ficar em casa. "Eu brigo para não ir à esquina. Quando saio fico arrasada." Ela e o marido, o músico Edgar Duvivier, passaram dois anos construindo uma casa de três andares, com horta e piscina, no alto da Gávea, com uma vista do Rio de tirar o fôlego. Olívia costuma passar horas na varanda da casa pintando aquarelas. "Sinto vontade de ir a peças e shows, mas, quando penso que vivo nesta casa como se estivesse em Mauá, me recuso a ir para a civilização."

É para atender pessoas como

Olívia que ficam em casa porque gostam, ou como Andréia, que não têm direito à opção, que a arquiteta Lila May Bueno quebra a cabeça. "Todo mundo que faz reforma quer construir espaços para lazer dentro de casa." Os clientes pedem um bar na sala, um cantinho para

"Antigamente eu via todos os filmes no cinema. Agora, procuro saber se o filme presta mesmo antes de sair de casa"

a mesa de jogo e um espaço confortável para ouvir música. "O living agora é um lugar para ser ocupado pela família, não tem mais aquela coisa da sala de visitas. As pessoas estão percebendo que ficar em casa é muito mais agradável." E pode ser muito mais quanto maior for a produção doméstica. "Uma amiga chegou a me pedir para fazer na sala uma espécie de ilha de lazer, com um sofá quase cama, vídeo, TV e som. Ficou ótimo." É a velha história de unir o útil, no caso o enguamento dos gastos com lazer, ao agradável. Ou como diz Raquel Reis. "Estamos descobrindo que a nossa casa é o melhor lugar para se ficar." É o jeito!

O gerente administrativo e financeiro do Prontocor, Guilherme Strunck, não tem o menor problema com a crise, mas cultiva o hábito de ficar em casa tanto quanto Andréia, Maranhão ou Raquel. "Eu não tenho medo de assalto e não estou sem dinheiro. Fico em casa por opção." O lazer de Guilherme é comprar peixe e frutos do mar

um espaço confortável para ouvir música. "O living agora é um lugar para ser ocupado pela família, não tem mais aquela coisa da sala de visitas. As pessoas estão percebendo que ficar em casa é muito mais agradável." E pode ser muito mais quanto maior for a produção doméstica. "Uma amiga chegou a me pedir para fazer na sala uma espécie de ilha de lazer, com um sofá quase cama, vídeo, TV e som. Ficou ótimo." É a velha história de unir o útil, no caso o enguamento dos gastos com lazer, ao agradável. Ou como diz Raquel Reis. "Estamos descobrindo que a nossa casa é o melhor lugar para se ficar." É o jeito!

MÁRCIA VIEIRA